

## ANÁLISE DA PAISAGEM URBANA DA RUA 14 DE JULHO, CAMPO GRANDE-MS, A PARTIR DE SEU USUÁRIO

### URBAN LANDSCAPE ANALYSIS OF RUA 14 DE JULHO, CAMPO GRANDE-MS, ACCORDING TO ITS USER

Raíssa Vitória Anuniação Serra<sup>1</sup>  
Guilherme Garcia Velasquez<sup>2</sup>

**RESUMO:** Considerando o turismo um fenômeno gerador de sentimentos, emoções e recordações e, considerando o papel que as paisagens geram no processo do “fazer turismo”, é que se decidiu por pesquisar a paisagem edificada da Rua 14 de Julho, Campo Grande-MS. Assim, o objetivo deste trabalho foi desenvolver uma análise da paisagem urbana da Rua 14 de Julho, na perspectiva de seu usuário, a partir dos preceitos de Vicente Del Rio (1991). Para tanto, realizou-se aprofundado estudo bibliográfico acerca de temáticas como Turismo, Turismo e cidade, Paisagem urbana, bem como metodologias de análise da paisagem, desenvolvendo-se, na sequência, a aplicação da metodologia proposta. O estudo quanti-qualitativo em questão, apropriou-se de um rol de fotografias da via, as quais fizeram parte de um questionário virtual aplicado a um grupo de indivíduos (89) por meio de um processo de amostragem não probabilística. Percebeu-se na análise da paisagem edificada que a mesma gera sentimento de legibilidade (acolhimento, conforto e segurança), pregnância (sensação de inesquecível), continuidade (amplitude e domínio do espaço), variabilidade (diversidade de formas e funções) e complexidade (magnitude, grandeza).

**Palavras-chave:** Turismo. Paisagem Urbana. Vicente Del Rio. Rua 14 de Julho. Campo Grande.

**ABSTRACT:** Considering tourism as a phenomenon that generates feelings, emotions and memories, and considering the role that landscapes generate in the process of "doing tourism", it was decided to investigate the built landscape of Rua 14 de Julho, Campo Grande-MS. Thus, it is pondered that the objective of this work was to develop an analysis of the urban landscape of Rua 14 de Julho, from the perspective of its user, based on the precepts of Vicente Del Rio (1991). For this purpose, an in-depth bibliographic study was carried out on topics such as Tourism, Tourism and city, Urban landscape, as well as methodologies of landscape analysis, developing, then, the application of the proposed methodology. The quanti-qualitative study in question, appropriated a list of photographs of the road, which were part of a virtual questionnaire applied to a group of individuals (89), through a non-probabilistic sampling process. In the analysis of the constructed landscape, it was perceived that it generates sensations of legibility (welcoming, comfort and security), pregnancy (sensation of unforgettability), continuity (amplitude and dominance of space), variability (diversity of forms and functions) and complexity (magnitude, grandeur).

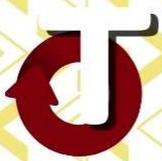
**Keywords:** Tourism. Urban Landscape. Vicente Del Rio. Rua 14 de Julho. Campo Grande.

## 1 Introdução

Se de um lado o Turismo é bastante reconhecido enquanto atividade, não se pode deixar de enfatizar que o mesmo é, também, abordado dentro de uma perspectiva científica, já que diz respeito a um fenômeno gerado a partir das inúmeras relações existentes no ambiente, local

<sup>1</sup> Bacharel em Turismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS, Escola de Administração e Negócios-ESAN, Campo Grande-MS. E-mail: raissavit\_as@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Turismo e Hotelaria, Professor Adjunto do curso de Turismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS, Escola de Administração e Negócios-ESAN, Campo Grande-MS. E-mail: guilherme.velasquez@ufms.br.



onde tomam acontecimento os diversos tipos de deslocamentos. Trata-se de uma área tão abrangente que se torna até difícil defini-la, sendo sempre possível uma nova complementação, justamente pelo fato de que a atividade “turismo” é, sobretudo, dinâmica.

Diante do exposto, mesmo que tecnicamente o conceito de turismo esteja envolvido com questões relacionadas a temporalidade e distanciamento, já se considera possível o desenvolvimento de algumas práticas turísticas dentro do próprio contexto da cidade, tendo em vista que nem todos os indivíduos possuem condições de viajar, embora todo ser humano necessite de tempo para lazer e descanso. A essa nova perspectiva de turismo no contexto do lugar em que se vive é que se denomina *staycation* (ALLIS *et al.*, 2021; AMENDOLA, 2020; MOLINA, 2020).

Independentemente da existência (ou não) de prática turística, é fato que a paisagem urbana gera interesse, tanto naqueles que residem na cidade, como naqueles que estão de passagem. Especificamente para o turista, a paisagem é elemento essencial. É por meio da captação da paisagem (fotografias e vídeos) que as experiências e memórias são personificadas e eternizadas.

Considerando o município de Campo Grande-MS, é possível afirmar que a Rua 14 de Julho, uma das principais vias centrais, possui importância econômica (sendo a primeira via de comércio local), além de relevância histórico-patrimonial, já que muitas de suas edificações narram as fases históricas da cidade. Além disso, a via assume relevância nos processos de mobilidade urbana justamente por conectar as zonas norte e sul do município.

Trata-se de uma rua que passou, recentemente, por um processo de requalificação propiciado pelo programa Reviva Mais Campo Grande (2018-2019), o que fez com que a atenção dos transeuntes com relação a ela se acentuasse.

Por essa razão é que surgiu o interesse em desenvolver uma análise da paisagem da Rua 14 de Julho, Campo Grande-MS, o que foi feito por meio da aplicação de uma metodologia já existente, voltada à percepção ambiental. Trata-se do principal objetivo do estudo: desenvolver uma análise da paisagem urbana da Rua 14 de Julho, na perspectiva de seu usuário, a partir dos preceitos de Vicente Del Rio (1991).

Ressalta-se que a análise em questão resultou da aplicação de um questionário a usuários do local, durante o mês de outubro de 2020, composto por imagens fotográficas e questionamentos.

## 2 Turismo e cidade

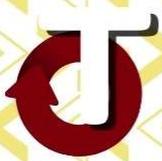
De uma forma bastante simplista, entende-se por cidade aquele espaço não rural. De toda maneira, bem se sabe que o próprio desenvolvimento tecnológico tem feito com que áreas urbanas e rurais se mesquem, justamente pelo fato de que muitas possibilidades até então relacionadas à uma delas passou a fazer, nos últimos tempos, parte da outra.

As cidades correspondem aos espaços urbanos delimitados e habitados, a partir da construção de infraestruturas, sendo o local onde as mais diversas relações são produzidas. Raquel Rolnik (2017) já enfatizava que as cidades desenvolvem papel de atratividade, ao passo que criam e narram histórias (por meio de sua arquitetura e espaços), servindo de palco político e de mercado. Trata-se de um ambiente para todos: participado, assistido, vivenciado e usufruído. Bandeira (2013) pondera que a cidade é, sobretudo, a concretização do imaginário urbano, servindo de local de desfrute de cultura e lazer, quer como morador ou visitante.

Landim (2004) acrescenta que a cidade é produto de um meio social, que também se caracteriza pela relação entre o uso e ocupação do espaço arquitetônico estabelecido pelos usuários da cena urbana. Sendo, assim, uma construção de inter-relações entre os espaços e os indivíduos. Nessa perspectiva, as ruas, assim como demais tipos de vias, são espaços onde as vivências acontecem, sejam para aqueles que habitam as cidades ou aqueles que se encontram de passagem nas mesmas. Evidencia-se nas cidades, entretanto, um conjunto de elementos que as tornam locais de interesse turístico.

Um estudo desenvolvido por Brito-Henriques (2003) argumenta que na essência, o turismo é totalmente um fenômeno urbano, sendo um produto das pessoas que circulam entre os espaços urbanizados, sejam eles modificados e apropriados em maior ou menor grau de urbanização. A partir do mencionado, vê-se que Turismo e cidade estão em constante relação. Calle Vaquero (2019) enfatiza que na primeira década do século XXI o turismo urbano consolidou-se, assumindo importante papel na transformação das cidades contemporâneas.

[...] a urbanização continua a ser variável determinante na geração da procura turística, apesar da democratização que o turismo teve nos últimos decênios. [...] As relações entre urbanização e turismo não se reduzem, porém, a isto: a urbanização gera turismo, mas o turismo induz também a urbanização (BRITO-HENRIQUES, 2003, p. 163).



É perceptível, entretanto, que a troca existente entre turismo e urbanização, além da movimentação de pessoas, acaba por fomentar a economia local e valorizar a cultura. Importante ressaltar que as paisagens se encontram, também, nesse contexto urbano. As paisagens urbanas representam o desenvolvimento daquela localidade e a dinâmica ali existente. Muitas vezes, enaltecida por uns, mas sequer percebida por tantos outros.

Bem se sabe que no imaginário coletivo, o conceito de paisagem está atrelado ao ambiente natural. É sobre a paisagem urbana que o presente estudo se encontra focado, por isso a relevância de se discutir tal conceito. Evidencia-se, diante do exposto, que cidade é local de vida!

### **3 Paisagem e Paisagem urbana**

O conceito sobre paisagem é revestido de subjetividade e de diversas compreensões, dependendo da área que o analisa. Metzger (2001) afirma que a primeira referência da palavra “paisagem” aparece no “Livro de Salmos”, em hebraico, por volta de 1000 a.C., referindo-se à bela vista que se tinha de Jerusalém, a partir do conjunto de edificações existentes, com foco em questões estéticas da localidade.

Nota-se, dessa maneira, que a compreensão de paisagem é antiga. Ainda, evidencia-se, em uma perspectiva mais contemporânea, que tal conceito é abordado e compreendido de forma distinta pelas diversas áreas existentes. Basicamente, a paisagem constitui-se como aquilo que resulta das vivências da humanidade (ações antrópicas que se sobrepõem ao ambiente natural) e que é revelado por todos os sentidos do corpo, ou seja, percebida e apreendida de inúmeras formas (ZAMARO; LANZARINI, 2019).

Elas compreendem “[...] a atmosfera espaciotemporal do mundo vivido, porque os ritmos dos movimentos inerentes aos lugares trazem em si a dinâmica e a força das essências da vida” (GUIMARÃES, 2002, p.120). Embora a paisagem represente uma das categorias de análise da Geografia, evidencia-se que inexistem, nessa própria área, a possibilidade de estudos que contemplem a compreensão da totalidade da paisagem, dada sua própria complexidade (MOREIRA, 2017). “Cada vez mais suas curiosidades vêm sendo apropriadas pelas ciências que tratam dos estudos perceptivos, sensitivos e afetivos, pelo fato da paisagem possuir valores subjetivos relacionados à cultura” (MOREIRA, 2017, p. 48).

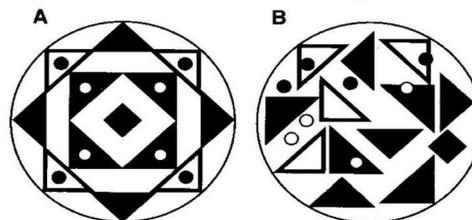
Santos (2002) afirma que um conjunto de formas, num determinado momento, se faz paisagem e que essas exprimem as heranças das várias relações do homem com a natureza. Para complementar, a “[...] experiência de paisagem é integrada por contínuos processos de partir-se, quebrar-se, ligar-se, fundir-se, mediante o mover de nossos olhos, de nossas mãos, de todo o nosso ser — percepções do corpo e do espírito” (GUIMARÃES, 2002, p. 118).

Como mencionado, quando profissionais de áreas diversas discorrem sobre o conceito de paisagem, tais como: geógrafo, arquiteto, historiador, os resultados e conclusões do trabalho a ser feito por eles serão diferentes, dado seus diversos olhares (CHANTAL; RAISON, 1986). Logo, evidencia-se que a percepção e a experiência vivida por um indivíduo, sobre uma paisagem é única principalmente as inter-relações entre o mesmo e o espaço.

Essa diversidade de compreensão e sentimento é que faz com que o estudo da paisagem seja tão rico como as consequências geradas entre ela e o(s) indivíduo(s) observador(es).

O que fica evidente, portanto, diante dos posicionamentos das diversas áreas é que a paisagem representa um composto de elementos que analisados de forma separada, talvez não apresentem significado claro. A compreensão da paisagem como um conjunto sistêmico se dá a partir da união dos diversos elementos e da carga vivenciada pelo observador, indivíduo repleto de experiências e memórias. Tais elementos subjetivos, somados aos elementos físicos é que geram a compreensão da paisagem (Figura 1), fato que gera uma diversa compreensão.

Figura 1- A paisagem, esquematicamente representada por A, nunca deve se reduzir à soma de seus elementos constituintes, representados em B



Fonte: (Rocha, 2008, p. 21), baseado em Bolós I Capdevila (1992).

A paisagem pode ser dividida, de acordo com Petroni e Kenigsberg (*apud* BOULLÓN 2002), em: paisagem natural (espaço onde os caracteres físicos estão intactos, não contendo nenhuma modificação vinda dos seres humanos) e paisagem cultural ou construída (espaço modificado pelos homens, a exemplo de cidades, meio rural com suas lavouras, etc).

De acordo com Trzaskos, Baum e Trobia (2010, p. 3) “[...] a paisagem natural engloba localidades de uso restrito e intermediário onde o turista visita com o intuito de apreciar

exclusivamente a natureza”. Para que essa paisagem possa ser captada e entendida é necessário que o observador se utilize de todos os seus sentidos: tato, olfato, paladar, a pressão, entre outros (FRANZEN; WEICH; PISONI, 2010).

Boullón (2002, p. 78) define paisagem cultural como “[...] parte da crosta terrestre que, devido à ação do homem, teve modificada sua fisionomia original. [...]. Sendo sua expressão máxima a cidade, também leva o nome de espaço urbano”. Rolnik (2000) ainda pondera que é atribuído às cidades as funções de lazer, moradia, residência e trabalho.

A partir do conceito de urbanismo, vê-se que a paisagem não é somente cultural e/ou natural, mas, sim, urbana. Cullen (1983) conceitua a paisagem urbana como a arte, pois torna claro e organizado aos olhos o conjunto desordenado de ruas, edifícios e outros espaços que compõe o ambiente urbanizado. Silva (2010, p. 302-303) expressou que:

[...] a paisagem urbana se revela nos elementos formais da cidade, espelhando-se [...] nas superfícies constituídas das edificações e dos logradouros da cidade (ruas, avenidas, praças, largos, praias, parques, jardins, alamedas, túneis, pontes, viadutos, galerias, travessas, ladeiras, escadarias, becos, pátios etc.). Seus componentes fundamentais exteriorizam-se no traçado urbano, nas áreas verdes e outras formas de arvoredos, nas fachadas arquitetônicas e no mobiliário urbano, com suas várias espécies.

Logo, o autor sintetiza a paisagem urbana como sendo uma espécie de roupagem que as cidades apresentam a todos aqueles que nela habitam ou visitam (SILVA, 2010). Com isso, as paisagens, sendo turísticas ou não, podem ser analisadas sob diversos aspectos. Velasquez (2013) reflete que a paisagem é compreendida pelas experiências e sentidos do observador, podendo ser um grande motivo para a existência de uma viagem, assumindo papel importante para o desenvolvimento das atividades turísticas, visto que “[...] muitos indivíduos justificam sua movimentação, viagens, devido ao interesse em vivenciar novas paisagens” (VELASQUEZ; OLIVEIRA; ROSSINI, 2014, p. 03). Para Machado (2012, p. 44):

[...] as pessoas interagem com as paisagens cotidianas, descobrindo nelas e atribuindo a elas os mais diversos significados. Suas respostas não são apenas cognitivas, mas vêm carregadas, principalmente, de muita afetividade. É o morador quem percebe e vivencia as paisagens, atribuindo a elas significados e valores.

É essa experiência valorativa e cheia de significados que faz do lugar comum um local especial, fato que torna evidente a importância da paisagem para o setor turístico. Assim, é correto afirmar que a paisagem construída ou edificada pode ser analisada por sua diversidade,

a partir da descrição de seus elementos visíveis, características geográficas, evolução cultural etc.

Estudiosos como Lynch (1960), Cullen (1971), Del Rio (1991) e Boullón (1992) se debruçaram na criação de metodologias de análise de paisagens edificadas (cidades), embora tenham se utilizado de sistemáticas e elementos distintos. Por exemplo, Lynch, um dos pioneiros nesse tipo de análise, propõe a compreensão da paisagem a partir da subjetividade e satisfação humana quando em contato com o ambiente. Já Cullen e Boullón propõem uma análise continuada da paisagem, a partir de um processo de deslocamento do indivíduo. Por essa razão é que o método escolhido para o presente estudo é aquele proposto por Del Rio (1991), que permite a análise da paisagem, inclusive, por meio de imagens estáticas-fotográficas.

#### **4 Proposta de análise da paisagem sob a Perspectiva de Vicente Del Rio**

Trata-se de uma proposta de análise descritiva, onde o maior interesse está em discutir os elementos da paisagem urbana a partir de seus aspectos visíveis, que são correlacionados com as próprias características naturais do ambiente, questões histórico-culturais do mesmo e a morfologia urbana existente (SOUZA, *et al*, 2014).

À essa metodologia de análise do ambiente (urbano) é dado o nome de Análise da Percepção Ambiental (DEL RIO, 1991). Para Del Rio (1991), o método de análise em questão considera as questões objetivas (relacionadas à forma, textura, cor, iluminação, sonoridade, simbologias, aeração); questões subjetivas (relacionadas à percepção espacial e territorial, sentimento de conforto e prazer, bem estar); questões ambientais (mobilidade intencional, por meio de memorização de sequência de pormenores distintivos capazes de transmitir identidade e estrutura de significado) (SOUZA, *et al*, 2014) e, por fim, cognição ambiental, “[...] adaptação das ações do organismo do indivíduo aos objetos do meio, através da assimilação do processamento da representação, da avaliação e da geração de postura para futuras ações comportamentais do indivíduo no ambiente” (SOUZA, *et al.*, 2014, p. 185).

Desta feita, evidencia-se que Del Rio (1991), no que diz respeito ao estudo da forma urbana, pautado nos valores acima mencionados, considera como elementos indispensáveis ao desenvolvimento dos estudos da paisagem as seguintes categorias de análise, aplicadas em outros estudos como de Velasquez, Oliveira e Rossini (2014) e Souza *et al.* (2014):

-**Legibilidade** – o observador obtém de forma imediata a percepção da paisagem, permitindo-se vivenciar um sentimento de segurança, acolhimento, conforto e pertencimento;

-**Pregnância** – percepção que gera no observador uma sensação de inesquecível;

-**Individualidade** – percepção de individualidade do observador mesmo esse estando em um ambiente coletivo;

-**Continuidade** – percepção do observador de que há um domínio do espaço, dada sua amplitude visual;

-**Variabilidade** – percepção e sensação de diversidade formal e funcional transmitida pela paisagem, sendo essas negativas ou positivas; e

-**Complexidade** – sensação de magnitude, de grandeza, capaz de gerar no observador, inclusive, sentimento de insegurança e fortes emoções.

É diante de cada uma das categorias propostas pela metodologia de Del Rio, que o observador deve, ao analisar a paisagem, identificar a existência ou inexistência de elementos capazes de fazer com aquela localidade se caracterize ou não por aquela dada categoria.

## 5 Procedimentos Metodológicos

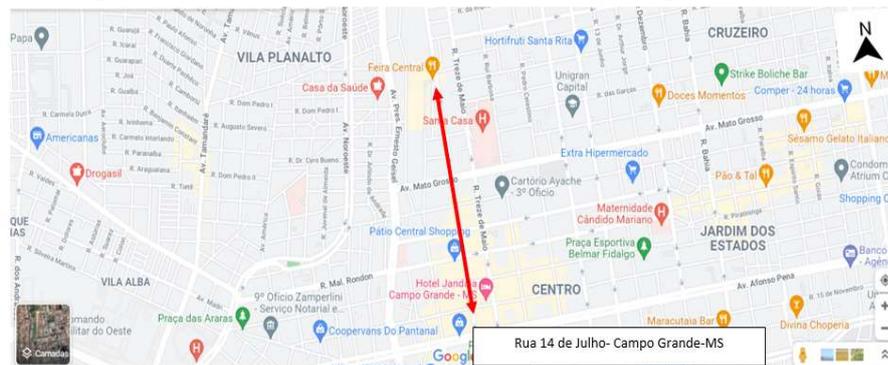
O presente estudo, cujo objetivo foi analisar a paisagem urbana da Rua 14 de Julho de Campo Grande-MS, a partir de seus usuários, possui natureza quanti-qualitativa. A pesquisa qualitativa é aquela que busca obter uma compreensão particular do objeto que se investiga, a partir dos fenômenos existentes no contexto analisado (LAKATOS; MARCONI, 2017), enquanto a pesquisa quantitativa é aquela cujo foco é a análise de dados objetivos, de ordem numérica. Atribui-se ao estudo ambas características, no sentido de que sua análise de resultados extrapola a compreensão objetiva dos dados, mas, sobretudo, tece conjecturas acerca dos mesmos.

Assim, é possível afirmar que a pesquisa em questão é caracterizada por um estudo aplicado e descritivo. Aplicado, dado ao fato de que contou com uma etapa empírica e descritivo, considerando que registra, analisa e correlaciona os fatos identificados, sem com que tenha havido manipulação por parte do pesquisador (CERVO; BERVIAN, 2002).

Como etapas necessárias para a execução do trabalho, mencionam-se: pesquisa bibliográfica, que de acordo com Fonseca (2002) resulta do levantamento de referências já publicadas previamente e que servem de base teórica para a pesquisa em andamento.

Dentre os principais temas estudados na pesquisa bibliográfica, estão: Turismo, Geografia, Paisagem, Paisagem Urbana e Percepção. Além da pesquisa bibliográfica, o estudo contou com uma etapa de coleta de dados direcionada a usuários da Rua 14 de Julho, Campo Grande-MS (Mapa 1).

Mapa 1 - Localização da Rua 14 de Julho, Campo Grande-MS



Fonte: google.com (2020).

A etapa empírica foi caracterizada pela criação e aplicação de um questionário, ferramenta essa caracterizada por um documento composto por questões, respondidas diretamente pelo indivíduo pesquisado, ou seja, a informação coletada pelo pesquisador limitou-se ao que foi respondido pelo respondente (FACHIN, 2005). Importante ressaltar que dada a situação da pandemia COVID-19, o questionário em questão foi disponibilizado por meio da plataforma *google forms*, sendo direcionado aos respondentes potenciais por meio de redes sociais. A etapa de coleta de dados tomou acontecimento no mês de outubro de 2020.

O questionário criado para o estudo compunha-se de 17 questionamentos, abertos e fechados (no intuito de coletar material suficiente para apresentação de dados qualitativos e quantitativos) e buscava compreender, além das questões de ordem socioeconômica, qual era a relação do respondente com a rua estudada – se o respondente havia acompanhado o processo de requalificação da mesma nos anos de 2018 e 2019 e qual era sua impressão sobre o projeto de requalificação.

Como segunda seção, o questionário trouxe à tona questionamentos que se relacionavam às categorias de análise da paisagem urbana proposta por Del Rio (1991) (percepção ambiental), ou seja, buscou-se identificar se os respondentes consideravam que a paisagem da via era acolhedora, confortável e segura; se possuía algum elemento que gerava encantamento ao visitante; se transmitia alguma sensação de individualidade; domínio do

ambiente; se havia uma padronização ou ausência de padronização na paisagem e se a mesma possuía algum elemento icônico.

Ressalta-se ainda que, no intuito de melhor direcionar os questionamentos que compõem o questionário, e respeitando as categorias de análise da Metodologia de Del Rio (1991), a pesquisa apoiou-se em um quadro composto por possíveis elementos (variáveis), inerentes a cada categoria de análise, previamente publicado em trabalho de Velasquez, Oliveira e Rossini (2014).

Quadro 1 - Categorias de análise, seu significado e elementos da paisagem que podem corresponder a elas

<b>Categoria</b>	<b>Significado</b>	<b>Elementos Urbanos que podem corresponder à</b>
<b>Legibilidade</b>	Observador obtém de forma imediata a percepção da paisagem, se permitindo vivenciar um sentimento de segurança, acolhimento, conforto e pertencimento	<ul style="list-style-type: none"><li>-Calçamento urbano de veículos homogêneo</li><li>-Calçamento urbano de pedestre homogêneo</li><li>-Limpeza das vias</li><li>-Existência de jardins convidativos</li><li>-Existência de locais de descanso convidativos e acolhedores</li><li>-Existência de sinalização de pedestre</li><li>-Existência de sinalização de veículos</li><li>-Manutenção das fachadas em boa conservação</li><li>-Iluminação adequada</li><li>-Arborização adequada /suficiente para a região</li><li>-Decoração pertinente</li></ul>
<b>Pregnância</b>	Percepção do observador sobre a imagem que traz a sensação de inesquecível	<ul style="list-style-type: none"><li>-Vista parcial/panorâmica da localidade</li><li>-Limpeza adequada</li><li>-Existência de Monumentos</li><li>-Existência de fachadas diferenciadas</li><li>-Existência de Iluminação Diferenciada</li><li>-Existência de Contrastes Arquitetônicos</li><li>-Existência de Paisagismo diferenciado</li><li>-Existência de estilo arquitetônico genuinamente típico</li></ul>
<b>Individualidade</b>	Mesmo estando em um ambiente coletivo o observador tem o sentimento de individualidade, talvez a unicidade/o isolar-se	<ul style="list-style-type: none"><li>-Dimensionamento do espaçamento suficiente para não gerar sensação de aglomerado</li><li>-Existência de pontos de descanso retirados das regiões de grande movimento</li><li>-Existência de vegetação em quantidade suficiente para amenizar a projeção do concreto das construções</li></ul>
<b>Continuidade</b>	Observador obtém a perspectiva de amplitude e de domínio do espaço	<ul style="list-style-type: none"><li>-Amplitude na visão do espaço</li><li>-Continuidade da via de transporte</li><li>-Continuidade no tipo de pavimento da via de transporte</li><li>-Continuidade da via de pedestre</li><li>-Continuidade no tipo de pavimento da via de pedestre</li><li>-Existência de elementos/monumentos que caracterizam e homogeneizam o espaço</li><li>-Arquitetura proporcional e balanceada</li><li>-Vegetação proporcional e balanceada</li><li>-Iluminação proporcional e balanceada</li></ul>
<b>Variabilidade</b>	Sensação de diversidade formal e funcional transmitida pela paisagem, sendo negativa ou positiva	<ul style="list-style-type: none"><li>-Existência de quebra de visão do espaço ocasionada por possível diferenciação de angulação arquitetônica</li><li>-Existência de quebra de visão da via de transporte</li><li>-Existência de quebra de padrão de pavimentação da via de transporte</li></ul>

		-Existência de quebra de visão da via de pedestre -Existência de quebra de padrão de pavimentação da via de pedestre -Existência de quebra de homogeneidade arquitetônica -Existência de Monumentos/Elementos contrastantes -Existência de regiões do espaço público diferenciadas (fontes/jardineiras)
<b>Complexidade</b>	Sensação de magnitude, de grandeza, sendo possível, por parte do observador, o sentir da insegurança e outras emoções fortes	-Existência de edificações diferenciadas da totalidade -Existência de padrão de iluminação diferenciado da totalidade

Fonte: Adaptado Velasquez, Oliveira e Rossini (2014).

Ainda, no que concerne à etapa empírica, optou-se por trabalhar, propositalmente, com uma amostragem não probabilística, aquela em que a escolha dos elementos pesquisados (indivíduos) se dá a partir da definição de alguns critérios por parte do pesquisador (FREITAS, *et al.*, 2000). Definiu-se no estudo que apenas poderiam responder ao questionário pessoas que de alguma maneira acessavam com constância a Rua 14 de Julho ou que já haviam nela estado.

O ambiente de estudo delimitou-se nos 100 metros de extensão da Rua 14 de Julho, a partir de seu cruzamento com Avenida Afonso Pena, sentido sul-norte (fluxo da própria via). A decisão se deu pelo fato de que tal cruzamento é considerado um dos principais cruzamentos da cidade, tendo em vista ser a Avenida Afonso Pena a principal avenida do município e a Rua 14 de Julho sua principal rua comercial. Foram definidos nos 100 metros delimitados, seis pontos fixos para a captura das imagens (Mapa 2), as quais se apresentam, também, a seguir:

Mapa 2 - Pontos escolhidos de análise e direcionamento visual



Fonte: google.com (2020).

As figuras 02, 03 e 04 representam, justamente, a região do ponto de intersecção entre a Avenida Afonso Pensa e a Rua 14 de Julho. As figuras 02 e 04 (a. Rua 14 de julho durante o

dia vista do lado direito da via; c. Rua 14 de julho durante o dia vista do lado direito da via) foram capturadas do passeio público do lado direito da rua (sentido sul-norte), enquanto a figura 03 (b. Rua 14 de julho durante o dia vista do lado esquerdo da via) foi capturada do passeio público ao lado esquerdo da rua (sentido sul-norte).

Figuras 2, 3 e 4 – Rua 14 de julho a, b e c



Fonte: trabalho de campo (2020).

Nota: Figura 2 – a) Rua 14 de julho durante o dia vista do lado direito da via; Figura 03 – b) Rua 14 de julho durante o dia vista do lado esquerdo da via; Figura 4 – c) Rua 14 de julho durante o dia vista do lado direito da via

A figura 05 apresenta o sentido oposto das imagens anteriores, pois foi capturada no sentido norte-sul. Ao meio desta se apresenta o relógio da 14 de Julho, localizado no cruzamento dessa via com a Avenida Afonso Pensa e que é considerado símbolo do município.

Figura 5 - Rua 14 de julho durante o dia vista do lado direito no sentido contrário à via



Fonte: trabalho de campo (2020).

A figura 06 busca demonstrar alguns dos resultados do Projeto de Requalificação da Rua 14 de Julho, onde se deu o alargamento do passeio público, a criação de ambientes de descanso, a retirada da fiação elétrica no formato aéreo, a alocação de elementos paisagísticos, etc.

Figura 6 - Calçada da rua 14 de julho durante o dia



Fonte: trabalho de campo (2020).

Por fim, a figura 07 apresenta um dos ícones da rua, conhecido como o Relógio da 14 de Julho (acima mencionado), localizado no cruzamento das vias Avenida Afonso Pena e Rua 14 de Julho, um dos principais cruzamentos da região central de Campo Grande-MS.

Figura 7 - Rua 14 de julho durante o dia com vista ao relógio



Fonte: trabalho de campo (2020).

## **6 Resultados e Discussões**

No que diz respeito a uma breve contextualização da rua escolhida neste estudo, menciona-se que a Rua 14 de julho é uma rua comercial ícone do centro de Campo Grande, possuindo 5,4km de extensão. Segundo dados do Arquivo Histórico de Campo Grande-ARCA<sup>3</sup> (2017), o sentido de trânsito se dá do Sul para o Norte, com início no cruzamento com a Avenida

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.campogrande.ms.gov.br/arca/artigos/r-14-de-julho/>, acessado em 1º de outubro de 2020.

Consolação (mais especificamente no Cemitério Santo Antônio), Jd. Monte Líbano, terminando no Poliesportivo Dom Bosco, bairro Monte Castelo. Trata-se de uma das ruas matrizes do comércio da região, sendo também uma das principais ruas responsáveis pelo início do desenvolvimento da cidade (tanto comercialmente, quanto com construções residenciais), assim como a Avenida Afonso Pena; que ligam e delimitam o centro da capital. Ressalta-se, porém, que foi somente no final de 1910 que a rua foi denominada como 14 de Julho, em homenagem ao marco histórico da queda da Bastilha e início da Revolução Francesa, como proposta do vereador Miguel Garcia Martins (1909-1911).

Inicialmente denominada de Beco – porque ali existia um trilheiro deserto, curto e sem saída, a rua teve modificação do seu nome inicial no ano de 1930, para Rua Anibal de Toledo, para homenagear o presidente eleito do Estado de MT; e tempos mais tarde, como Rua João Pessoa, homenageando o candidato à vice-presidência, que foi assassinado. Após 11 anos, ela retornou ao seu nome de origem.

Por ser uma das vias principais de Campo Grande, com intenso comércio e significado histórico-cultural (dada sua conformação arquitetônica que data de diferentes períodos e suas características, que compõem um dos principais complexos arquitetônicos urbano), a Rua 14 de Julho foi indicada para ser o primeiro local do centro da cidade a passar pela Requalificação através do Programa Reviva Campo Grande, iniciado em 2018 e que transformou a paisagem central da cidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE, 2019)<sup>4</sup>. Com a intenção de demonstrar parte da evolução da Rua 14 de Julho, apresenta-se abaixo, imagem da mesma no período pré-requalificação, onde é perceptível um aparente desordenamento: passeio público incompatível ao quantitativo de transeuntes, poluição visual, aridez do ambiente etc.

Figura 08 - Rua 14 de Julho antes da Requalificação



Fonte: capitalnews.com.br (2011).

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.campogrande.ms.gov.br/reviva/o-programa/>, acessado em 1º de outubro de 2020.

Já requalificada, a Rua 14 de julho contou com um estreitamento do eixo carroçável (rua), alargamento do passeio público e ambientação paisagística, propiciando ilhas de descanso e vegetação, o que pode permitir um maior conforto ambiental em todo seu trajeto.

Figura 09 - Vista aérea da Rua 14 de julho com a Av. Afonso Pena após revitalização



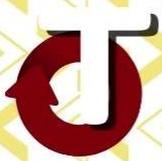
Fonte: google.com (2020).

Ao analisar os resultados do questionário, nota-se que quase metade dos respondentes encontra-se na faixa etária entre 18 e 23 anos. Não houve participação de pessoas com mais de 62 anos, tampouco de adolescentes. Não obstante, identificou-se duas outras faixas etárias, caracterizadas pela idade de 29 anos e idades entre 36 a 41 anos. De toda maneira, percebe-se que as faixas etárias que caracterizaram os respondentes, dizem respeito ao público que realmente frequenta a Rua 14 de Julho. Por se tratar de uma via central na cidade de Campo Grande, a 14 de Julho possui grande circulação de pessoas em situação de trabalho. Tais faixas etárias, entre 18 e 41 anos, correspondem a uma grande parcela da idade útil laboral de Campo Grande-MS.

Com relação ao gênero, constatou-se que o público que mais contribuiu para a pesquisa foi o feminino (72%). Aparentemente, não existe uma relação imediata entre a pesquisa e o gênero indicado, considerando que o questionário de pesquisa esteve disponível em ambiente virtual, aberto a todos. No que diz respeito ao local de residência, evidenciou-se a prevalência de respondentes residente em Campo Grande-MS.

Ao passo que tal panorama é positivo, por permitir que a análise da paisagem fosse feita por pessoas que conheceram a 14 de Julho antes de seu processo de revitalização, por outro lado, seria interessante a opinião, em maior número, de não residentes.

No que tange aos usuários frequentadores da rua, aproximadamente  $\frac{3}{4}$  dos participantes se utilizam da via em seu percurso diário, como caminho intermediário ou para fins de comércio, trabalho e lazer. Mais uma vez, levantar impressões do usuário é um aspecto positivo



no sentido de que servem como *feedback* para a própria gestão do município e podem sinalizar ações estratégicas que visam possíveis melhorias para o uso do espaço público. Carvalho e Kleinrath (2014) ponderam que a participação popular na gestão da cidade induz a uma sociedade mais justa, na busca de bem-estar, o que gera a cidade desejada por todos os cidadãos.

No que concerne ao processo de requalificação da Rua 14 de Julho, foi significativo o número de indivíduos que tanto acompanharam as alterações executadas como, da mesma maneira, demonstraram considerar positivo os resultados alcançados. Tal perspectiva é positiva já que o processo em questão (que durou pouco mais de um ano), gerou grande discussão, além dos diversos impactos aos comerciantes locais que, de certa forma, foram impedidos de atuar e sofreram com a baixa movimentação de pessoas (durante as obras). Na atualidade, o que se percebe é que os residentes percebem as alterações e se sentem satisfeitos com elas.

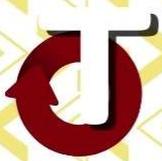
Tal percepção vai ao encontro daquilo que propõe o processo de requalificação. De acordo com Peixoto (2009), a principal razão da requalificação é a reformulação do espaço público (diante de uma realidade problemática e desgastada), por meio de reformas de equipamentos capazes de gerar novos usos que incrementem valor simbólico.

A partir dos questionamentos iniciais é que entraram em cena as questões relacionadas às categorias de análise de paisagem propostas por Vicente Del Rio (1991).

Considerando os aspectos de **Legibilidade** (Acolhimento, conforto, sentimento de segurança e pertença) vê-se que os usuários, em sua maioria (83 indivíduos), compreendem a Rua 14 de Julho como um ambiente acolhedor. O acolhimento urbano é importante, tendo em vista que a cidade deve ser considerada extensão de nossos lares. O residente precisa perceber na cidade um lugar, tal qual percebe em sua casa. 43 indivíduos consideraram a paisagem muito acolhedora, enquanto 40 indivíduos a consideraram acolhedora. Houve, ainda, aqueles que a consideraram pouco acolhedora (06 indivíduos).

Diante do apresentado, buscou-se identificar dos pesquisados, quais expressões ou palavras poderiam melhor representar o acolhimento da via:

*“A existência de áreas verdes, bancos e a calçada larga passam esta sensação de acolhimento”; “Lugares para se sentar, calçadas largas, plantas e etc, contribuem para uma paisagem bonita e acolhedora”; “Visualmente ficou mais limpa, as disposições dos bancos e lixeiras ficaram bons, o menor movimento de ambulantes deixou o fluxo mais agradável”; “Menos poluição visual e mais árvores” e “Os espaços das calçadas, os bancos e lixeiras trazem um conforto, um lugar inovador”.*



A percepção de acolhimento identificada na pesquisa vai ao encontro daquilo que propõe Grinover (2007), quando discute a hospitalidade do ambiente urbano, explicitando que a cidade que tem a intenção de ser acolhedora, deve estar provida de materialidades (arquitetônicas e urbanísticas) capazes de permitir intensa relação entre o indivíduo e seu ambiente físico sendo, sobretudo, legível, acessível e representando a identidade local. A Rua 14 de Julho tem propiciado, de forma geral, o acolhimento a seus usuários.

Ainda, tratando da Legibilidade, porém com foco ao conforto, evidenciou-se que 30 indivíduos consideram a via muito confortável, 46 indivíduos consideram a via com conforto mediano ao passo que 13 indivíduos a consideram pouco confortável. Assim como no quesito acolhimento, o quesito conforto, de forma geral é também percebido pela maioria (76 indivíduos). Gehl (2015) enfatiza que as cidades convidativas (confortáveis nos mais variados aspectos), são aquelas que oferecem espaços públicos projetados e que viabilizam a vida urbana. Evidencia-se que a requalificação da Rua 14 de Julho tornou perceptível, a seu usuário, a sensação de conforto.

No quesito sentimento de segurança, foi evidenciado um aspecto positivo que varia entre média segurança e alta segurança (características muito próximas do conforto percebido). 33 indivíduos consideram a Rua 14 de Julho segura, enquanto 46 indivíduos consideram sua segurança mediana. Apenas 10 indivíduos não a consideram segura. Como nos demais itens (acolhimento e conforto), parte do que se compreende por Legibilidade – a segurança – é, da mesma maneira, algo percebido pela maioria dos indivíduos pesquisados (79 indivíduos). Analisando-se o histórico da via, pré e pós requalificação, o sentimento de segurança é percebido como uma grande conquista. Aguiar, Martins e Cardoso (2003, *apud* Braggio, 2007), afirmam que a segurança é uma condição básica que deve ser oferecida tanto a residentes quanto a visitantes.

A segurança na Rua 14 de Julho tem sido uma das questões mais discutidas a partir de seu processo de requalificação, justamente pelo fato de que referida requalificação alterou o *status* da via em questão, que até então, sofria com a ausência de segurança.

Por se tratar de uma das principais vias públicas do município, foi unânime o sentimento de pertença do pesquisado, mesmo diante de problemas evidenciados e vivenciados (Quadro 2). Evidencia-se, em consonância com Silva (2011), que as ações de planejamento permitem com que as cidades sejam (re)pensadas a partir de características de caráter físico e simbólico, capazes de despertarem o sentimento de pertença a seus residentes.

Quadro 2 - Dados relacionados à Legibilidade do Ambiente

Categoria de Análise Legibilidade				
	Percepção Geral (muito e mediano)	Muito	Mediano	Pouco
<b>Acolhimento</b>	83 indivíduos	40 indivíduos	43 indivíduos	06 indivíduos
<b>Conforto</b>	76 indivíduos	30 indivíduos	46 indivíduos	13 indivíduos
<b>Segurança</b>	79 indivíduos	33 indivíduos	46 indivíduos	10 indivíduos
<b>Pertença</b>	89 indivíduos	51 indivíduos	38 indivíduos	-

Fonte: trabalho de campo (2020).

Considerando os aspectos da **Pregnância** (sensação de inesquecível, encantamento), evidenciou-se entre 62 indivíduos (56%) que a Rua 14 de Julho gera sensação de inesquecível e encantamento, o que foi comprovado por menções como:

*“Plantas, assentos e iluminação”*; *“O asfalto feito de tijolos e a iluminação subterrânea”*; *“A imagem limpa sem fios elétricos aparentes, com paisagismo perfeito, calçadas largas e confortáveis”*; *“A presença da natureza e de elementos modernos nos itens que compõem a nova rua”*; *“A limpeza e organização”* e *“Flores, plantas e iluminação”*. Turkienicz (2011, p. 201) apresenta os poderes da estética urbana quando pondera que “Circular em espaços belos e agradáveis é também capaz de fazer com que pessoas saiam de suas casas (ainda que localizadas em lugares remotos) pelo prazer de experimentar sensações estéticas”.

Tendo em vista que uma das categorias utilizadas por Del Rio (1991) diz respeito ao sentimento de **Individualidade** gerado pela paisagem urbana, buscou-se verificar se os respondentes percebiam a paisagem da Rua 14 de Julho como um ambiente que gerava tal sentimento, ou seu oposto. Souza *et al.* (2014), ao tratarem do sentimento de individualidade na paisagem urbana, apresentam aquelas áreas de convívio coletivo que são capazes de proporcionar sensações de recolhimento, ainda que em zonas movimentadas.

Tratam-se de ambientes de respiro, desejáveis frente ao caos urbano cotidiano. Embora as respostas tenham sido bastante equiparadas, percebeu-se que mesmo após o processo de requalificação, a via analisada ainda gera um sentimento de aglomeração em seu usuário, aspecto não positivo no sentido de que a aglomeração pode gerar, por consequência, sentimento de ausência de segurança e desconforto térmico. Isso, pelo fato de que mesmo tendo havido um processo de Requalificação na Rua 14 de Julho, muitas de suas alterações ficaram limitadas à realidade já edificada do ambiente, bem como o grande fluxo de movimento, já que se trata de uma das zonas mais movimentadas de Campo Grande-MS.

Outras menções foram feitas, embora não relevantes, considerando a categoria proposta por Del Rio (1991). Pelo menos 45 indivíduos (51%) ainda consideram a rua aglomerada. Trata-se de uma situação que o projeto de urbanismo não conseguiu modificar totalmente. Ressalta-se que 39 indivíduos (44%) consideram que a via transmite sentimento de individualidade, justamente pela visível melhoria que passou. 5% dos questionados não trouxeram percepções correspondentes ao que se buscava analisar.

Talvez pelo fato do processo de requalificação ter buscado manter as zonas de estacionamento na via, ainda que o passeio público tenha sido alargado, a possibilidade de estacionamento de veículos somada ao alto fluxo de transeuntes ainda gera desconforto no usuário.

Quadro 3 - Dados relacionados à Individualidade do ambiente

	<b>Quantitativo</b>	<b>Porcentagem/ pesquisados</b>
<b>Individualidade</b>	39 indivíduos	44%
<b>Aglomerado</b>	45 indivíduos	51%
<b>Indiferença</b>	5 indivíduos	5%

Fonte: trabalho de campo (2020).

Em seguida, buscou-se identificar o sentimento gerado pela via naquilo que diz respeito ao domínio do espaço por parte do usuário (**Continuidade**). Percebeu-se, então, que a maioria dos usuários, 48 indivíduos (54%) consideram que a via propicia o sentimento de domínio. Por se tratar de uma via retilínea e em um terreno cuja topografia é plana, acaba sendo natural a continuidade visual do ambiente. Vias retilíneas em terrenos planos permitem com que o usuário consiga ter uma visão ampla do espaço, o que gera sentimento de domínio, segurança, maior ventilação e, conseqüentemente, bem-estar. 33 indivíduos (38%) não a consideram ambiente que provê sentimento de amplitude e continuidade. Outras menções foram feitas (8%), embora não importantes para a categoria em análise.

Quadro 4 - Dados relacionados à Continuidade do ambiente

	<b>Quantitativo</b>	<b>Porcentagem/ pesquisados</b>
<b>Contínua</b>	48 indivíduos	54%
<b>Falta de Amplitude</b>	33 indivíduos	38%
<b>Indiferença</b>	8 indivíduos	8%

Fonte: trabalho de campo (2020).

No que diz respeito à **Variabilidade** proposta por Del Rio (1991) – variedade de formas e funções – evidenciou-se que a maioria dos envolvidos no estudo (45 indivíduos-51%) considera que a via transmite o sentimento de variabilidade (ausência de repetição e

padronização) Não obstante, 41 indivíduos (47%) afirmou que a via é bastante padronizada em formas e funções, 2 % dos indivíduos trouxeram respostas que não faziam referência àquilo que se buscava identificar.

Quadro 5 - Dados relacionados à Variabilidade do ambiente

	Quantitativo	Porcentagem/ pesquisados
Variabilidade percebida	45 indivíduos	51%
Ausência de Variabilidade Percebida	31 indivíduos	47%
Indiferença	13 indivíduos	2%

Fonte: trabalho de campo (2020).

A condição de variabilidade pode estar fundamentada na forma das edificações construídas em momentos históricos distintos e com características arquitetônicas diversas. Já a padronização mencionada por parte do grupo pode ser caracterizada pelo trato paisagístico, tipo de revestimento, criação de áreas de descanso idênticas, padronização do mobiliário urbano etc.

Posteriormente, buscou-se identificar a opinião do usuário sobre como ele gostaria que a via se apresentasse no quesito forma e função. Ficou evidente que a não padronização de formas seria o mais adequado, justamente pelo fato de que ela enriquece a paisagem por meio da diversidade de elementos. Cuti e Naoumova (2019) apresentam que a variabilidade da paisagem deve ser compreendida como um aspecto capaz de alterar as sensações humanas, servindo como um meio de incitar o interesse pela exploração do ambiente. Por fim, baseado na categoria de análise **Complexidade**, foi indagado aos usuários se havia algum elemento que consideravam icônico na paisagem. Ainda, questionou-se qual ou quais seria(m) esses(s) elemento(s).

Embora equilibradas as respostas, os respondentes, em sua maioria, demonstraram não existir elementos icônicos. Talvez, justamente por um grande número de pessoas considerar paisagem da 14 de Julho invariável (de certa forma até monótona). Enfatiza-se, porém, que dentre alguns dos elementos indicados, o Relógio da rua foi repetidamente mencionado. Por pertencer a um obelisco digital, não deixa de ser um importante ícone, como citado pelos pesquisados:

*“A modernização do relógio”; “As ruas diferenciadas e o relógio da 14”; O design do relógio e a área em torno dele deixou uma obra de arte no centro da cidade”; “O monumento do relógio”; “O relógio”; “Obelisco digital”; “Relógio, piso, ruas estreitas, iluminação, rede elétrica subterrânea...todo o projeto. Mistura elementos contemporâneos remetendo ao retrô.”*

O relógio realmente é um elemento icônico da Rua 14 de julho, pois encontra-se localizado no encontro da rua em questão com a Avenida Afonso Pena, a principal avenida de Campo Grande-MS. Trata-se de uma obra considerada grandiosa para os parâmetros de Campo Grande, moderna e inovadora. Sua estrutura é baseada no antigo relógio, porém, feita somente com arestas de metal. Importante ressaltar, entretanto, que o Relógio em questão faz uma releitura do Relógio Original, datado de 1933, localizado em outro ambiente da capital e que representa o início de desenvolvimento econômico no município.

Silva *et al.* (2015) discutem os monumentos como elementos revestidos de historicidade e que se relacionam intimamente com a sociedade, ainda que ao longo do tempo, tenham adquirido outros significados. Para os autores, os monumentos são os responsáveis por manterem a história viva na mente da humanidade.

## 7 Conclusão

Ainda quando do início do estudo já se sabia da importância da paisagem na vida das pessoas, fossem elas residentes de uma determinada localidade ou visitantes. Assim, incorre-se em afirmar que a relação turismo e paisagem é bastante próxima. Isso, pelo fato de que no ato do “fazer turismo” é a paisagem aquilo que o turista busca registrar, seja por meio de fotografias ou memórias.

Sendo a Rua 14 de Julho uma das principais vias do município de Campo Grande-MS, dada sua relevância histórico-patrimonial, econômico- comercial, bem como de mobilidade urbana, é que surgiu o interesse pela análise de sua paisagem edificada. Com todos os dados levantados e analisados, foi possível designar, de acordo com a proposta de Del Rio (1991) que a paisagem da Rua 14 de Julho é:

**Legível:** já que o estudo comprovou que os usuários possuem a sensação de acolhimento, de conforto e segurança no local. Tais sensações são imprescindíveis para a construção da legibilidade da paisagem. Exemplos justificados pela legibilidade apresentados foram: ambiente limpo, calçadas largas e convidativas para caminhadas, existência de mobiliário urbano para se sentar, boa iluminação, entre outras afirmações;

**Pregnante:** evidenciado quando os respondentes mencionaram o paisagismo local, sistema de calçamento na rua e a própria menção do relógio. Foi, ainda, evidenciado nas justificativas a questão da limpeza, beleza, inovação, modernidade do mobiliário e a iluminação. Tais elementos somados geram o sentimento de encantamento em qualquer

usuário, pois demonstra uma preocupação da gestão pública do município para com seu munícipe e visitante.

**Continuidade:** detectado a partir do sentimento de domínio do espaço gerado ao usuário da Rua 14 de Julho. Como mencionado, trata-se de algo propiciado pela padronização de diversos elementos da via, bem como a topografia do terreno e o formato da rua que é retilíneo.

**Variabilidade:** a paisagem, pelo ponto de vista dos respondentes também se mostrou variável naquilo que diz respeito às formas e funções. De toda maneira, ressalta-se que um grande público ainda a considera invariável, o que pode gerar sentimento de monotonia.

No que diz respeito à **complexidade**, o relógio da 14 de Julho foi o elemento mais destacado.

Enfatiza-se, entretanto, que o fato de o estudo ter sido desenvolvido a partir da análise de uma dada paisagem de Campo Grande-MS no período diurno, pode ser considerado um aspecto limitante da pesquisa. Isso, pelo fato de que se o mesmo estudo for aplicado em um outro período do ano, ou mesmo no período noturno, alterações de percepção podem surgir. Isso, pelo fato de que parte da compreensão da paisagem advém das próprias experiências individuais, que são únicas. Entende-se que a pesquisa é contributiva no sentido de que demonstra a aplicabilidade de uma determinada metodologia capaz de ser aplicada em outras localidades. Evidenciou-se que a compreensão da paisagem, a partir de estudos sistemáticos, pode trazer diagnósticos interessantes para aqueles que estão envolvidos com a gestão pública dos municípios.

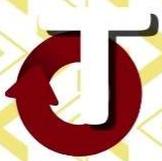
## Referências

ALLIS, T. *et al.* Metropolização e Mobilidades Turísticas em-entre São Paulo e Baixada Santista em tempos de Pandemia. **Revista GeoUERJ**, n. 39. Rio de Janeiro, 2021.

AMENDOLA, G. **Roteiro pela Serra da Cantareira:** opções para comer bem e curtir a natureza. O Estado de São Paulo, São Paulo, 11 dez. 2020. Disponível em: <https://viagem.estadao.com.br/noticias/geral,roteiro-pela-serra-da-cantareira-opcoes-paracomer-bem-e-curtir-a-natureza,70003547103> . Acesso em: 14 de jul. 2021.

ARQUIVO HISTÓRICO DE CAMPO GRANDE. **Rua 14 de Julho.** Disponível em: <http://www.campogrande.ms.gov.br/arca/artigos/r-14-de-julho/>. Acesso em: 01 de out. de 2020.

BANDEIRA, M. B. Cidade turística e seus imaginários: o olhar da imprensa especializada. **Revista Rosa dos Ventos**, n.5, v.3, jul-set, 2013.



BOULLÓN, R. **Planejamento do Espaço Turístico**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

BRAGGIO, L.A. **Turismo e Segurança Pública**. 2007. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria)-Universidade do Vale do Itajaí. Balneário Camboriú, Santa Catarina, 2007.

Disponível em: <http://>

<https://siaiap39.univali.br/repositorio/bitstream/repositorio/1296/1/Laercio%20Antonio%20Braggio.pdf>. Acesso em: 02 de mar de 2022.

BRITO HENRIQUES, E. A Cidade, Destino de Turismo. **Revista da Faculdade de Letras – Geografia**. Porto, Portugal, 2003.

CALLE VAQUERO, Manuel de la. Turistificación de centros urbanos: clarificando el debate.

**Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles**, 83, 2829, p.1-40, 2019. Disponível em:

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7181135>. Acesso em: 26 dez. 2021.

CARVALHO, N.T.; KLEINRATH, S.M. Sustentabilidade Ambiental. In: RIOS, Mariza. et al. (Coord.). **A cidade real e a cidade ideal: em uma reflexão transdisciplinar**. Belo Horizonte: Del Rey, 2014.

CERVO, A.L.; BERVIAN, P.A. **Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CHANTAL, B.P; RAISON, J.P. Paisagem. In: **Enciclopédia Einaudi**. Imprensa Nacional/Casa da Moeda, Lisboa, Portugal, 1986.

CULLEN, G. **Paisagem Urbana**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1971.

CULLEN, G. **Paisagem Urbana**. São Paulo, SP: Editora Martins Fontes, 1983.

CUTI, A.F.; NAOUMOVA, N. A paisagem da cidade pequena: variabilidade visual experienciada pelo caminhar. **Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**. v.3, n.11, 2019. Disponível em: <http://>

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/article/view/17647>. Acesso em: 02 de mar.

de 2022.

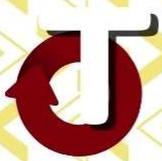
DARDEL, E. **L'Homme et la Terre: natureza da realidade géographique**. Paris – FRA: Presses Universitaires de France, 1952.

DEL RIO, V. Desenho urbano e revitalização na área portuária do Rio de Janeiro: A contribuição do estudo da percepção ambiental. 1991. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

FACHIN, O. **Fundamentos da Metodologia**. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FONSECA, J.J.S. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza – CE: UECE, 2002.

FRANZEN, L.I.; WEICH, C.; SILVA, A.P. A Relação entre o Turista e a Paisagem no Espaço Turístico Natural. In: Encontro Semintur Jr. Seminário de Pesquisa em Turismo do



Mercosul: “Saberes e fazeres no turismo: Interfaces”, 1, **Anais...UCS**, Caxias do Sul – RS, 2010.

FREITAS, H *et al.* O método de pesquisa survey. **Revista de Administração**. São Paulo, v.35, n.3, p.105-112, julho/setembro/2000.

GEHL, J. **Cidades para pessoas**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GRINOVER, L. **A hospitalidade, a cidade e o turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.

GUIMARÃES, S. T. L. **Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental**. Florianópolis – SC: Periódicos UFSC, 2002.

LAKATOS, E.M.; MARCONI, MA. **Metodologia do trabalho científico**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LAKATOS, E.M; MARCONI, M.A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. Rio de Janeiro – RJ: Atlas, 2017.

LANDIM, P.C. **Desenho de Paisagem Urbana: as cidades do interior paulista**. Editora São Paulo – SP: UNESP, 2004.

METZGER, J.P. **O que é Ecologia de Paisagens?**. Instituto de Biociência do Departamento de Ecologia da USP; Biota Neotropica, São Paulo – SP, 2001.

MOLINA, N. **Staycation: a experiência de ser turista na própria cidade**. O Estado de São Paulo, São Paulo, 14 set. 2020. Disponível em: <https://viagem.estadao.com.br/noticias/geral,staycation-a-experiencia-de-ser-turista-na-propriadade,70003434441>. Acesso em: 14 jul. 2021.

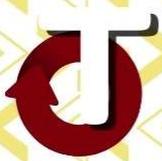
ORIQUI, Va. Rua 14 de Julho completa 100 anos de história no coração dos Campo-Grandenses. **Capital News**, 14 de jul. de 2011. Disponível em: <https://www.capitalnews.com.br/reportagem-especial/rua-14-de-julho-completa-100-anos-de-historia-no-coracao-dos-campo-grandenses/215756>. Acesso em: 18 de abr. de 2022.

PEIXOTO, P. Requalificação urbana. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogerio (Org.). **Plural de cidade: novos léxicos urbanos**. Coimbra: Edições Almedina AS. 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE. **Programa Reviva Campo Grande**. Disponível em: <http://www.campogrande.ms.gov.br/reviva/o-programa/>. Acesso em 1 out. 2020.

ROCHA Y. T. Teoria geográfica da paisagem na análise de fragmentos de paisagens urbanas de Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro. **Revista Formação**, n.15, v. 1, p. 19-35, 2008.

ROLNIK, R. **O Lazer Humaniza o Espaço Urbano**. Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo – SP: SESC, 2000.



ROLNIK, R. **O que é Cidade**. São Paulo – SP: Editora Brasiliense, 2017.

SANTOS, C. Globalização, turismo e seus efeitos no meio ambiente. **Revista Terra Livre**. São Paulo – SP, 2002.

SANTOS, C. Paisagem e Turismo: questões que ficam. **Boletim de Turismo e Administração Hoteleira**, São Paulo – SP, 1997.

SILVA, A.M.R. Requalificação Urbana: o exemplo da intervenção Polis em Leiria. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2011. Disponível em: [http:// https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/19941?mode=full](http://https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/19941?mode=full). Acesso em: 03 de mar. de 2022.

SILVA, J.A. **Direito Urbanístico Brasileiro**. São Paulo – SP: Malheiros Editores, 2010.

SILVA, J.N. *et al.* A contribuição dos monumentos históricos para a constituição da memória social. **Ciência e Cidadania**. v.1, n.1, 2015. Disponível em: <http://http://periodicos.unibave.net/index.php/cienciaecidadania/article/view/37/30>. Acesso em: 02 mar. de 2022.

SOUZA, V. *et al.*- Paisagem e Patrimônio Histórico em São Luis, Brasil: olhares do trade e dos moradores. **Revista Turismo e Desenvolvimento**. n.21/22, p. 181-190, 2014. Disponível em: [http:// https://proa.ua.pt/index.php/rtd/article/view/11183](http://https://proa.ua.pt/index.php/rtd/article/view/11183). Acesso em: 01 de mar. de 2022.

TRZASKOS, L.A.; BAUM, J; TROBIA, G. Paisagem Natural e Cultural: possibilidades de desenvolvimento turístico na Colônia Sutil em Ponta Grossa – PR. *In:* VII ENPPEX “Universidade e Gestão Pública: perspectivas e possibilidades” – II Seminário de Cursos de Ciências Sociais Aplicadas da Fecilcam, Ponta Grossa Ponta Grossa – PR, 2010. **Anais [...]**. Ponta Grossa, 2010.

TURKIENICZ, B. A estética urbana como política. **Arqtexto**. n.17, p.192-215, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/219180/000854984.pdf?sequence=1>. Acesso em: 02 de mar. de 2022.

VELASQUEZ, G.G. **A Relação Turismo e Meio Ambiente**: uma proposta de sistema flexível de turismo. 2016. Tese (Doutorado em Turismo e Hotelaria) - Universidade do Vale do Itajaí-UNIVALI, 2016.

VELASQUEZ, G.G.; OLIVEIRA, J.P.; ROSSINI, D.M. Planejamento, Paisagem Urbana e Turismo: uma análise da paisagem urbana de Bonito, MS, a partir da proposta de Vicente Del Rio. *In:* XI Seminário Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo – ANPTUR, Fortaleza - CE, 2014. **Anais [...]**. Fortaleza, 2014.

ZAMARO, F.C.; LANZARINI, R. Turismo e paisagem cultural: um estudo de caso de São Tomé das Letras em Minas Gerais, Brasil. **Caderno Virtual de Turismo**, n, 1, v. 19, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/1154/115459473001/115459473001.pdf>. Acesso: 26 dez. 2021.